

# NATAL INTERIOR

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Muitas vezes na vida — quem não terá feito igual experiência? — sentimos de repente uma onda de tristeza que vem do fundo da alma, que emerge antes de emergir seu objeto. Sentimos a dor antes de lembrarmos a causa, e a pungente angústia que sempre acompanha esta espécie de pontada espiritual vem certamente do fato de ser incógnita a razão sendo aguda a pena, e de assim se agravar o que dói pela ignorância do que faz doer. Acesa a luz do consciente, alarmada a atenção e mobilizados os recursos de análise interior, conseguimos enxotar os fantasmas que multiplicam a dor pela imaginação, que põem medo onde já sobeja o sofrimento, e conseguimos dizer com o salmista: ... "iniquitatem meam ego cognosco: et peccatum meum contra me est semper".

O que acontece com a tristeza acontece também com a alegria. As vezes, nos momentos mais difíceis, nas circunstâncias mais penosas, quando nos parece que tudo é peso e amargor dentro de nós, quando se nos afigura gasto, não se sabe onde, em que capricho fútil ou em que ato inconsequente, o último ceitel de júbilo, de repente uma canção brota em nós, uma onda de alegria sobe da noite da alma, sobe ou desce — não sei qual será o termo mais expressivo — e traz-nos ao coração, à boca um gosto de alegria sentido antes de conhecer sua razão.

Quando você era pequenino, leitor, mais de uma vez acordou deslumbrado, acordou num céu, antes de se lembrar precisamente da bicicleta ou de algum outro presente maravilhoso dos pais, do mundo, de Deus. Mais tarde, quando você encontrou seus primeiros amores, quantas vezes acordou as-

sim, lembrando-se do amor sem se lembrar da amada, e quantas vezes, atôa, andando na rua, estudando, comendo, você ouvia o prelúdio interior antes de ver os músicos em cena. E se você tem alguma coisa de poeta, então, mesmo sem namorada palpável — honni soit qui mal y pense — sua alma tem ressonâncias que jamais terão vez de passar na clara luz da razão, e seu coração apaixonado é capaz de inventar uma Annabel Lee, uma ilha, tudo, e ainda por cima inventar o sofrimento e sofrer, inventar a alegria e alegrar-se. Seus fantasmas terão mais vida do que os amores diurnos. "Je fais souvent ce rêve étrange et pénétrant, d'une femme inconnue...". E nesse momento, se sua alma tem cavidades de catedral ou de catacumba, as ressonâncias de alegria e de dor ganham uma força desconhecida cá fora, no mundo da praxe, e produzem os ecos misteriosos que ficam gravados nos livros, nas telas, no mármore, para espanto e gratidão das gerações.

Em todo este preâmbulo, talvez inútil, talvez excessivo, estou preparando um modo de transmitir fielmente ao leitor uma dessas experiências incoativas que produzem tênue e quase imperceptível centelha. O fato é que acordei num desses dias ao som habitual e habitualmente implacável do despertador. Geralmente, a mesma campanha que acorda meus olhos e meus nervos, acorda também, e até com agilidade maior, os meus cuidados. Deitar-me na morna e espessa companhia deles; cá estão eles em volta de mim ao despertar. Os tempos são difíceis. A gente vive com mágoa, com aflição e até com medo. Sim, com medo. A estupidicez, quando ganha vulto de instituição, diâmetro de ideologia, faz medo ao mais animoso. E por mais forte razão aos que já andam com os nervos sacudidos. Parece que houve uma inundação. Há um mar de tribulações, um mar de aflições alheias e nossas em torno de cada consciência. Por cima disto tudo, ponha ainda o leitor o peso da idade que vem chegando, e a diminuição das forças que vão partindo como se a alma da gente fosse uma "gare", um aerópôrto, um lugar de dilacerações; e por cima disto ponha os títulos das notícias dos jornais e a monotonia dos prognósticos, das profecias, das conversas infecundas e opressivas. Quem não há de andar preocupado e triste?

Mas nessa manhã, antes do cerco dos cuidados, antes do desper-

tar completo da soma de aborrecimentos, pareceu-me ouvir o clarim mais jovem que já se tocou no mundo. Um oxigênio novíssimo, de infinita pureza, entrou-me no peito, no corpo e na alma, e logo depois, da semente de intensa dorçura começou a nascer, dentro da música interior, a razão consciente de tamanha alegria. Uma voz me dizia, por dentro, a razão, de tão grande júbilo; a vida não está limitada aos horizontes terrestres, ou "sub-sole" como diz o autor do Eclesiastes. Deus existe, e existe uma história começada entre Ele e nós. Existe um compromisso, ou uma aliança, e existem mil pormenores, mil episódios, mil circunstâncias que compõem a história mais fantástica, mais bela e mais verdadeira que já foi contada por boca de homem, e na qual me inbrometo, nos ensaios de cada dia, pela porta larga de minha paróquia...

Ri-se o mundo descrente. Não de Deus, que de Deus ninguém ousa rir, mas dos pormenores que são justamente o sinal visível da passagem da divina misericórdia por esse mundo de doidos que se julgam ajuizadíssimos, e tanto mais quanto menos cuidam do que deveriam cuidar antes de tudo o mais. Os que se riem dos pormenores julgam-se instalados numa irreversível maturidade intelectual, e sorriem do que cremos, e crêm, com supersticiosa convicção que a sociologia ou a odontologia são incompatíveis com a fé, sobretudo com essa fé espalhada nas minudências da revelação...

Ora, o que me trouxe aquela onda de infância, de alegria, no meio dos escuros e espessos cuidados, foi justamente — louvado seja Deus — a lembrança difundida, multiforme, dos sinais sagrados; foi o lembrar-me estar num mundo em que há igrejas, e pias de água benta dentro delas, e sinos, e velas, e imagens de excessiva ingenuidade, e velhas curvadas dentro das igrejas, velhas constantes como só elas sabem ser; e foi sobretudo o lembrar-me de estar num mundo em cujas igrejas, dentro delas, torna a haver, torna a acontecer, cada dia, o mesmo fato que as explica e que dá razão de todos os outros pormenores: o Verbo se torna Carne e Deus está conosco. Vem-me à memória, por falar em Deus conosco, a figura do velho padre alemão de nossa paróquia. Um dia, durante a missa, numa das vezes em que se diz "Dominus vobiscum", o padre suspendeu a continuidade da cerimônia e voltando para os fiéis repetiu a frase traduzindo-a: "O Senhor é conosco". E correu um olhar pelo povo ralo da missa de dia de semana com ar de quem sonda as fisionomias de alunos desatentos. Tornou a dizer com voz lenta e trêmula: "O Senhor está conosco", mas diante de nossa maciça estupidicez desanimou, balançou a cabeça e continuou a missa.

Na verdade não é fácil, nem em qualquer hora, e muito menos em qualquer estado de espírito que podemos fazer uma justa idéia daquilo que o velho padre Guilherme pretendia nos inculcar, e que é a quinta essência da mensagem do Natal.